



UNICAMP

EVENTO: Ballet Cisne Negro

VEÍCULO: O Estado de São Paulo

DATA: 17 de junho de 1994

PÁGINA: 1ª

SEÇÃO: Caderno 2



Cisne Negro bate bola em ritmo de Copa

Sapatilhas quase viram chuteiras em 'Players', coreografia que o grupo mostra a partir de hoje

DIB CARNEIRO NETO

Hoje, dia em que começa a Copa do Mundo 94, o grupo de dança Cisne Negro sobe ao palco do Teatro Sérgio Cardoso para dar o pontapé inicial em um novo balé, *Players*. O tema é futebol. Os 12 bailarinos vestem uniforme de seleção brasileira — em versão melhorada, naturalmente. A diretora artística da companhia, Hulda Bittencourt, jura que é pura coincidência de datas. Quando conseguiu lugar no disputado calendário do teatro, nem imaginava que era o primeiro dia do tão aguardado campeonato mundial de futebol.

Com 17 anos na estrada, um repertório de 40 coreografias e muita persistência para conseguir manter um trabalho contínuo no País dos planos econômicos e do preconceito contra as sapatilhas, o Cisne Negro está de olho no público jovem. *Players* também fala de videogames e grunges. O balé foi encomendado por Hulda ao coreógrafo romeno, naturalizado francês, Gheorghe Gigi Caciuleanu, com explícito pedido de falar a linguagem da juventude. "Levo muito a sério esse papo de formação de platéia, porque não é mais a minha geração que vai resolver o mundo", diz a diretora. "Gigi assustou-se quando fiz a sugestão."

É a quinta coreografia de Gigi Ca-

ciuleanu para o Cisne Negro, mas a primeira criada especialmente para a companhia. Com cenário e figurinos de Iacov Hillel, *Players* estreou em Campinas e depois viajou para Brasília, Cuiabá, Goiânia, Belo Horizonte e Mariana. Chega a São Paulo mais do que testada e aprovada. A música é composta por fragmentos de *Variações Goldberg*, de Bach, com colagem musical — imitando o som metálico e repetitivo dos videogames — a cargo de dois jovens arranjadores, Milton Machado e Marcelo Souss. "Bach que nos desculpe, mas ficou ótimo", declara Hulda.

Em março, na época da concepção do espetáculo, o coreógrafo veio da França e se trancou com os bailarinos durante 15 dias, trabalhando no mínimo 10 horas por dia — pique de treino de seleção. Valeu a pena. A coreografia de Gigi dura 30 minutos e faz uma dosagem agradável de futebol com videogame. Os bailarinos dançam ora como se tivessem saltado de dentro do vídeo com aqueles movimentos elétricos e robóticos, típicos dos personagens de games, ora como se fossem crianças fanáticas, manipuladoras de *joy sticks*, ora como se fossem craques da bola. Há flashes contagiantes que reproduzem, por exemplo, a tão usada câmera lenta na transmissão dos jogos pela tevê, ou as cobranças de pênaltis, os treinamentos, a hora da

contusão, a comemoração do gol.

"Deu na veia", diz o bailarino Alex Aleixo, 25 anos, referindo-se à coincidência de 'dançar o futebol' na época de torcer pelo Brasil. "Adorava jogar bola na infância e nunca pensei que aquilo pudesse virar passo de dança", comenta. "Agora entendo quando dizem que futebol é arte", acrescenta Adriana Roda, também de 25 anos, há dois no elenco do Cisne. Adriana faz o único solo de *Players*, ao som da narração de um gol pelo rádio em rotação alterada. É um dos momentos mais criativos da obra.

PROGRAMA TEM OUTRA OBRA AO SOM DE MILHAUD

Completam o programa as coreografias *O Boi no Telhado*, de Tindaro Silvano, com música do francês Darius Milhaud, e *Cânticos Místicos*, do português Vasco Wellenkamp, com música de Haendel.

O Boi também é inédita em São Paulo. Milhaud morou no Brasil na década de 10 e compôs a música inspirada em maxixes. O Cisne Negro passa da goleada ao rebolado, com jogo de cintura típico das grandes companhias de dança contemporânea. Merece ser prestigiado.

SERVIÇO

Players — Estréia hoje, às 21h, no Teatro Sérgio Cardoso (Rua Rui Barbosa, 153, ☎288-0136). Quinta a sábado, 21h; domingo, 17h. Preço: CR\$ 12 mil. Até dia 26



Cena de 'Players': primeira coreografia de Gigi Caciuleanu escrita especialmente para o Cisne Negro

Protasio Nene/AE